

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME XII

Ademir Pascale
organizador

“Porque o tempo é o autor
invisível de todas as histórias.”

Selo Conexão Literatura



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores

Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-98523-7

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

ANTES DO PONTO FINAL, POR ADRIANO ROSA DA SILVA, PÁG. 05
O TEMPO, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 07
SÓ SINTO, POR ANA CAROLINA MAGALDI CAPUANO, PÁG. 09
OFERENDA, POR BELLA VALENTIN, PÁG. 12
O CORTEJO, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG. 14
O TEMPO É UM COMEDIANTE, POR DENISE BISSOLI, PÁG. 16
TEMPO-MAJESTADE UNIVESAL, POR FERNANDA POÉTICA, PÁG. 19
ANACRONISMO, POR FERNANDO ORLANDELI AMARAL, PÁG. 21
O TEMPO TEM SUA BELEZA, POR JANETE DA SILVA ALMEIDA, PÁG. 23
O TEMPO E SUAS FACES, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 25
LEMBRANÇAS, POR NEUMAR SILVA, PÁG. 27
CONTINUUM VITAE, POR NICHOLAS PETRUS Malferrari, PÁG. 29
O AGORA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 31
REPETIÇÃO E CONTINUIDADE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 33
É TEMPO DE PAZ...!!!, POR MAURÍCIO DA SERRA, PÁG. 35
(DES)ENCONTROS..., POR MAURÍCIO DA SERRA, PÁG. 37
REENCONTROS!!!, POR MAURÍCIO DA SERRA, PÁG. 39
O TEMPO NÃO ANDA SOZINHO, POR TATI RICELI, PÁG. 41
ENTRELINHAS, POR TATIANA SCHWARTZ, PÁG. 44
NO MUNDO DE AMANHÃ, POR VINICIUS BORIN, PÁG. 46
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 49

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME XII

Ademir Pascale
organizador

“Porque o tempo é o autor
invisível de todas as histórias.”

Selo Conexão Literatura

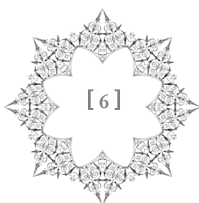
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Antes do ponto final

Por Adriano Rosa da Silva

Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (IE-ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (CCH-UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.

Na escola, às vezes, a poesia e o encantamento não vêm,
ficam à margem, esquecidos também.
Mas um novo ano nasce, feito aurora,
traz páginas em branco prontas para se ensinar.
Há leituras que faltam, que ainda vão chegar,
Como a virada do tempo, suave e sutil,
para acender o sonho, imaginar.
Ler é mais que juntar letras em som passageiro,
é colher do contexto o sentido primeiro.
É olhar o que fomos, é compreender,
para então, no presente, poder renascer.
Na memória do tempo, entre perdas e lutas,
a palavra resiste, transmuta.
Cada ano que passa carrega em si marcas, silêncios, dores...
e a força de seguir.
O texto, qual ano que vira,
guarda promessas, perguntas, caminhos que inspira.
Ele ensina que a vida, tal qual a leitura,
é travessia feita de queda e bravura.
Cabe ao educador, nesse recomeçar,
ser ponte, ser chama, ser tempo a pulsar.
Mostrar que ler não é só decodificar,
é ler o mundo antigo para o novo criar.
Ler a palavra, ler a história vivida,
ler a dor superada, a esperança ressurgida.
O mundo se lê antes do ponto final,
num ciclo contínuo, profundo e vital.
Cada ano que nasce renova o olhar,
reacende o desejo de transformar.
Que a escola no tempo que insiste em correr
forme sujeitos para refletir e viver.
Que a leitura autônoma, livre e verdadeira
seja promessa cumprida, inteira.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo

Por Amilton Conté

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Mágoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além)

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prêmio Literário Internacional Suisse Excellence

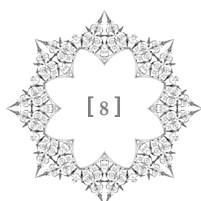
2025; Homenagem por mérito O Prêmio Afro events Luxemburgo

O tempo passa!... Passa... Fustigando o ódio
As saudades relatam as memórias do passado
Que o esquecimento e amnésia vão arquivando
Na reutilização dos arquivos do pobre neurónio

Sabe tão bem aquele momento inesquecível
Aquele que juntos vivemos no ato cobiçável
Que hoje custa relatá-lo perante as pessoas
Nessas lágrimas que exprimem as mágoas

Vejo o céu com as nuvens claras de costume
Onde me pareceu ver o tempo progredindo
No desalento da imaginação corrompido

O tempo passa, as pessoas mudam o hábito
Como a natureza que troca do belo aspeto
O planeta mantém o seu timbre de costume »



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Só sinto

Por Ana Carolina Magaldi Capuano

Ana Carolina Capuano é médica, com área de atuação em cuidados paliativos. Escreve sobre a vida, o tempo, a finitude e os afetos que atravessam a existência.

Sinto muito, o tempo todo.
O tempo fugindo, se esguindo,
tal palavra de louco —
de esguio e fluindo.

Sim, o tempo foge, para longe,
marcado, intrépido, nos relógios,
que tecem a fio —
e na face, ante os anos vividos.

Sinto a paixão perdida,
a ilusão do coração repousado,
do desconcerto acertado
que deixa sua marca no tempo
e acerta os passos.

Ecoam os que foram
e hoje vivem na memória,
trazendo o lembrete sereno:
o tempo se esgota.

Vamos, garota, acorde!
Faça valer seu tempo.
Sinto o chamado da vida
para o baile das 11 horas.

Sinto a aflição e a calma,
o ódio e o afeto,
raiva e ternura —
mas também sinto muito,
mas muito mesmo, o amor.

Ora...

Se o tempo se esgota,
a nossa hora cobra.

Melhor pegar meu vestido,
pôr meu sapato mais bonito
e ir dançar a valsa
até que o corpo,
cansado de passos,
vire pó no ritmo do relógio.

Pó que o tempo, afinal,
sempre foi.

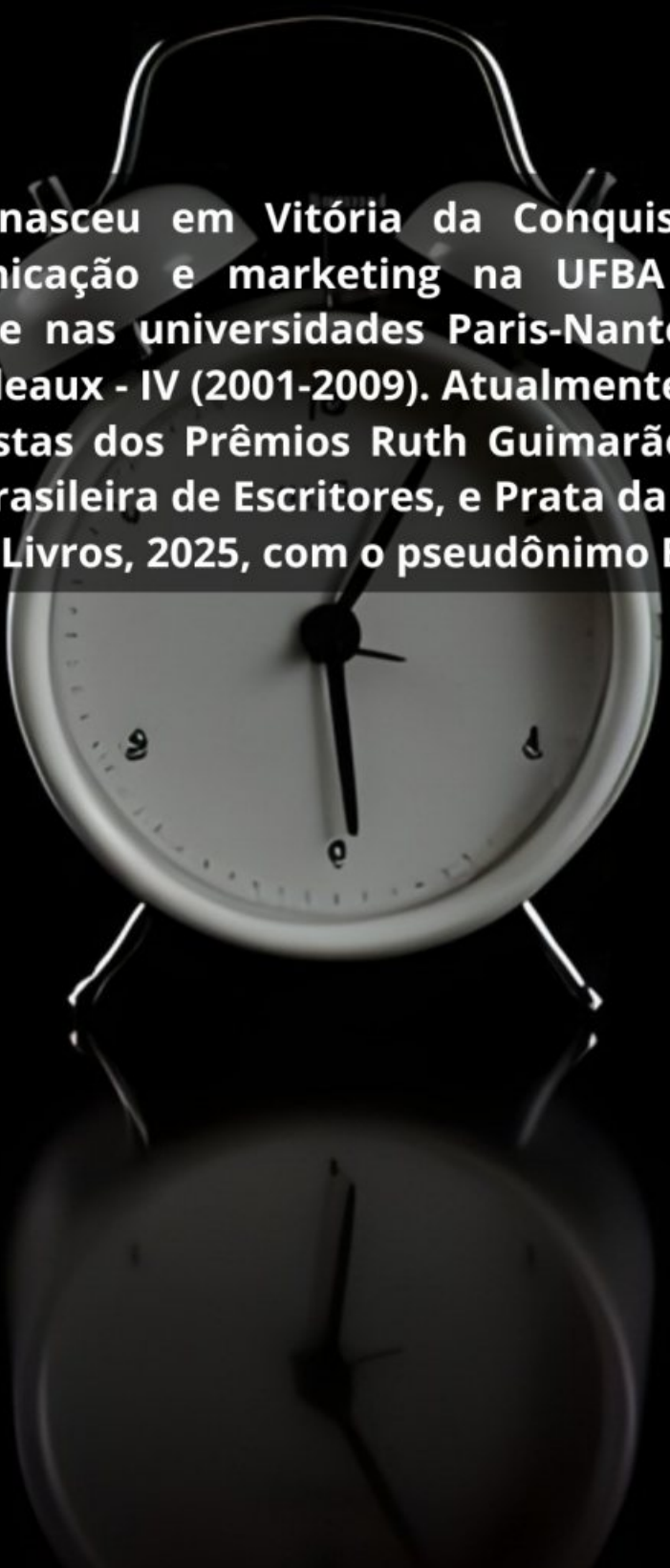


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Oferenda

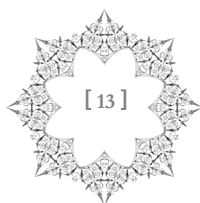
Por Bella Valentin

Elaine Norberto nasceu em Vitória da Conquista - Ba. Ensinou economia, comunicação e marketing na UFBA e na UFRB. Foi professor visitante nas universidades Paris-Nanterre (2000-2004) e Montesquieu Bordeaux - IV (2001-2009). Atualmente é escritora. Ficou entre as 20 finalistas dos Prêmios Ruth Guimarães de Crônicas (7º lugar), da União Brasileira de Escritores, e Prata da Casa (6º lugar), da Casa Brasileira de Livros, 2025, com o pseudônimo Bella Valentin.



A lonjura dos amores que esperei
a doçura dos que correspon-di
a culpa daqueles que traí
o martírio dos vivos que enterrei.

Te ofereço também, por que não?
o vazio que me cobrirá
quando te fores de mim
e o verde da primeira folha que brotar
quando eu ressuscitar enfim.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

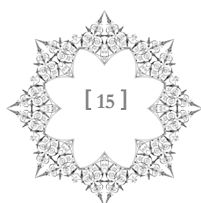
O cortejo

Por Bruno Nascimento Coelho

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasileiro, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que o ensinaram o valor do trabalho. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.



Os anos passam, leves, sem ruído,
Versões de nós, em cada flor que brota,
Um eu que parte, num adeus contido,
Outro que chega, em cada nova nota.
Enterramos um pouco, sem saber,
A face antiga, o gesto, o olhar que foi,
Em cada ruga que insiste em ter,
Um novo tempo, um novo herói.
Se o eu maduro, enfim, se vai em paz,
As juventudes voltam, em cortejo,
Com risos claros, com um brilho audaz,
Para sepultar o velho, sem receio.
E assim, em r'luzes, o tempo se desfaz,
A vida eterna, em cada novo ensejo.

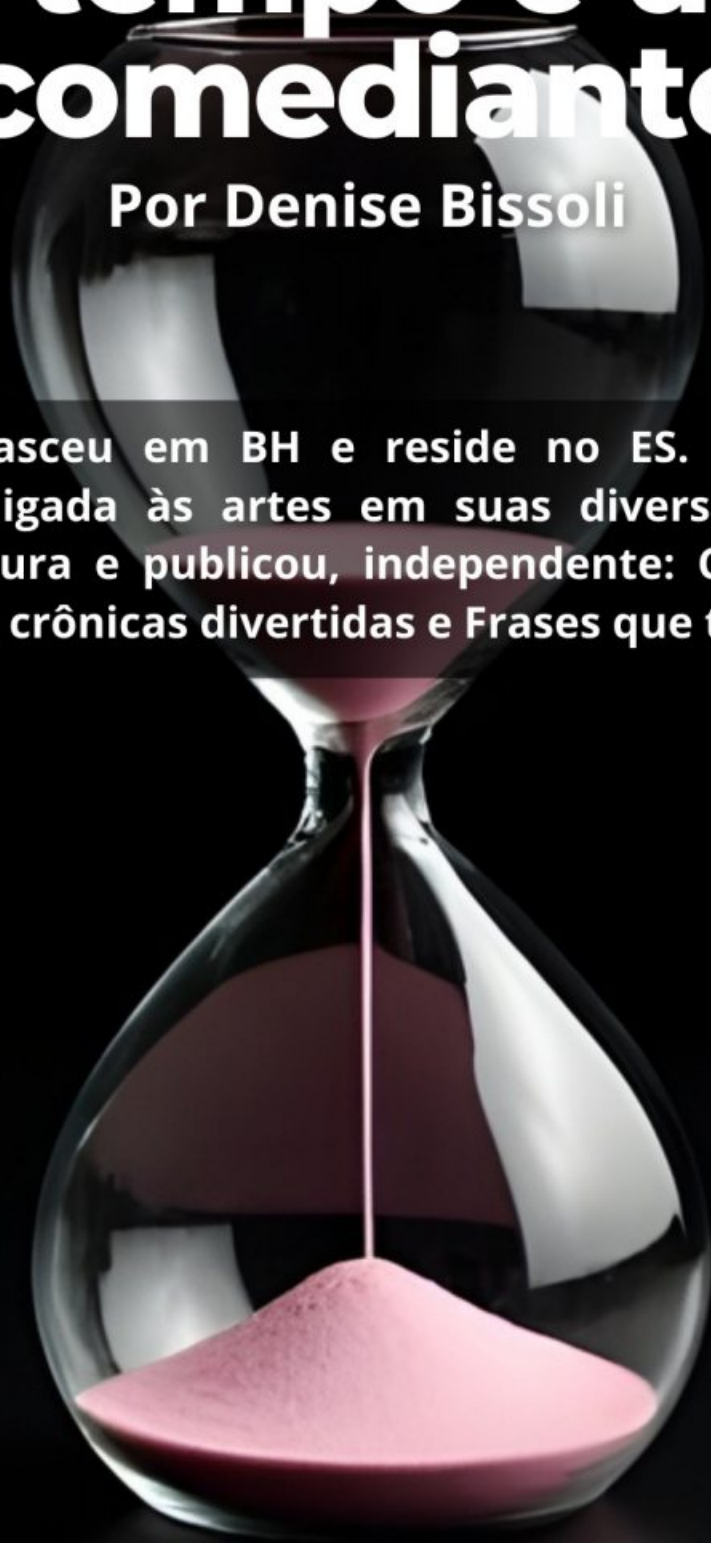


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo é um comediante

Por Denise Bissoli

Denise Bissoli nasceu em BH e reside no ES. Estudou letras, é profundamente ligada às artes em suas diversas expressões. Se lançou na literatura e publicou, independente: Contos, Crônicas e Confusões, Trinta crônicas divertidas e Frases que tocam.



Hoje acordei e, ainda sonolenta, olhei rápido no espelho. Levei um susto: quase não me reconheci.

Aquele rosto que me encarava parecia uma versão adulterada do meu: a pele mais cansada, os olhos menos apressados, as marcas do tempo em primeiro plano.

Até o celular falhou em me reconhecer. É verdade: o sistema de segurança simplesmente recusou a minha feição.

Só falta agora meu cachorro estranhar minha cara e rosnar desconfiado, como se uma estranha tivesse invadido a casa.

Brinco, mas é sério: a vida corre numa velocidade que nos atropela.

E, enquanto ela passa, corremos atrás de agendas lotadas, entregas urgentes, atualizações de software, filas intermináveis.

Passamos mais tempo atualizando aplicativos do que atualizando a nós mesmos.

Esquecemos de instalar a versão nova da alma, como se a vida fosse sempre caber no HD lotado da rotina.

A vida nos empurra como trem lotado em horário de pico. Vamos aceitando o empurra-empurra, acreditando que “mais pra frente” haverá espaço para respirar.

Mas a frente nunca chega. É como aquela ilusão de ótica em que a linha do horizonte parece próxima, mas se afasta a cada passo.

O tempo não abre clareiras. Ele fecha portas com elegância, como quem avisa sem gritar: “Olha, essa fase acabou.”

E, se não ficarmos atentos, perdemos a chance de entrar antes que a porta se tranque para sempre.

Então, de repente, damos de cara com uma foto antiga. Aquela imagem inocente do passado vira revelação arqueológica: o cabelo de outro tempo, o sorriso mais despreocupado, a pele ainda intacta.

Olhamos para nós mesmos, um pouco assustados:

“Eu já fui assim?”

Não é motivo para desespero. Talvez a grande piada da vida seja justamente essa: enquanto tentamos segurar a areia nas mãos, ela escorre — e ainda ri dos nossos dedos.

O truque não é segurar — é brincar. Fazer castelos, mesmo sabendo que a maré vai levar.

O tempo é um comediante de humor duvidoso. Ele rouba nossa pressa juvenil e devolve, em troca, a calma necessária para escolher sapatos confortáveis.

Leva embora a ilusão da eternidade e, no lugar, instala a consciência de que cada minuto é único.

Aos poucos, percebemos que as marcas no corpo são recibos das nossas histórias.

Ele insiste em nos lembrar que a infância já ficou pra trás, que a juventude passou depressa e que a maturidade não tem ponto fixo: chega quando menos esperamos.

Cada linha no rosto carimba uma gargalhada, uma madrugada mal dormida, uma espera ansiosa, um amor vivido.

É como se a pele guardasse em braile as nossas memórias, para que, um dia, possamos ler com os dedos o que o coração esqueceu de registrar.

E, ainda assim, temos a mania de lutar contra ele, como se pudéssemos ganhar a partida.

Compramos cremes que prometem parar o relógio, tomamos medicamentos desenfreadamente, fazemos listas que pretendem alongar os dias, inventamos aplicativos para controlar o tempo — como se fosse possível domesticar o indomável.

No entanto, o máximo que conseguimos é uma trégua ilusória: um pequeno disfarce, um truque de maquiagem, um cronômetro que toca antes da hora.

O tempo, malandro que é, ri do nosso esforço e continua o show. Ele não se ofende com a nossa tentativa de controlá-lo; apenas se diverte:

“Não adianta correr de mim. Chego antes ali na esquina.”

Por isso, talvez a sabedoria esteja em mudar de estratégia. Em vez de lutar contra, dançar junto, mesmo que a vida, por hora, desligue a música.

Aceitar que cada fase tem seu riso próprio: o riso largo da juventude, o riso discreto da maturidade, o riso cheio de entrelinhas da velhice.

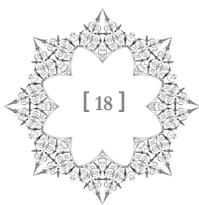
E, se a vida correr, que corra. Que passe ligeira, mas que nos encontre rindo dos tropeços, transformando até a falha do reconhecimento facial do celular em anedota.

Que nos veja gargalhando das próprias rugas, como quem entende que a vida é, no fundo, um espetáculo de comédia improvisada.

Porque não é sobre ganhar tempo.

É sobre não perder a graça.

E, principalmente, aplaudir o comediante.

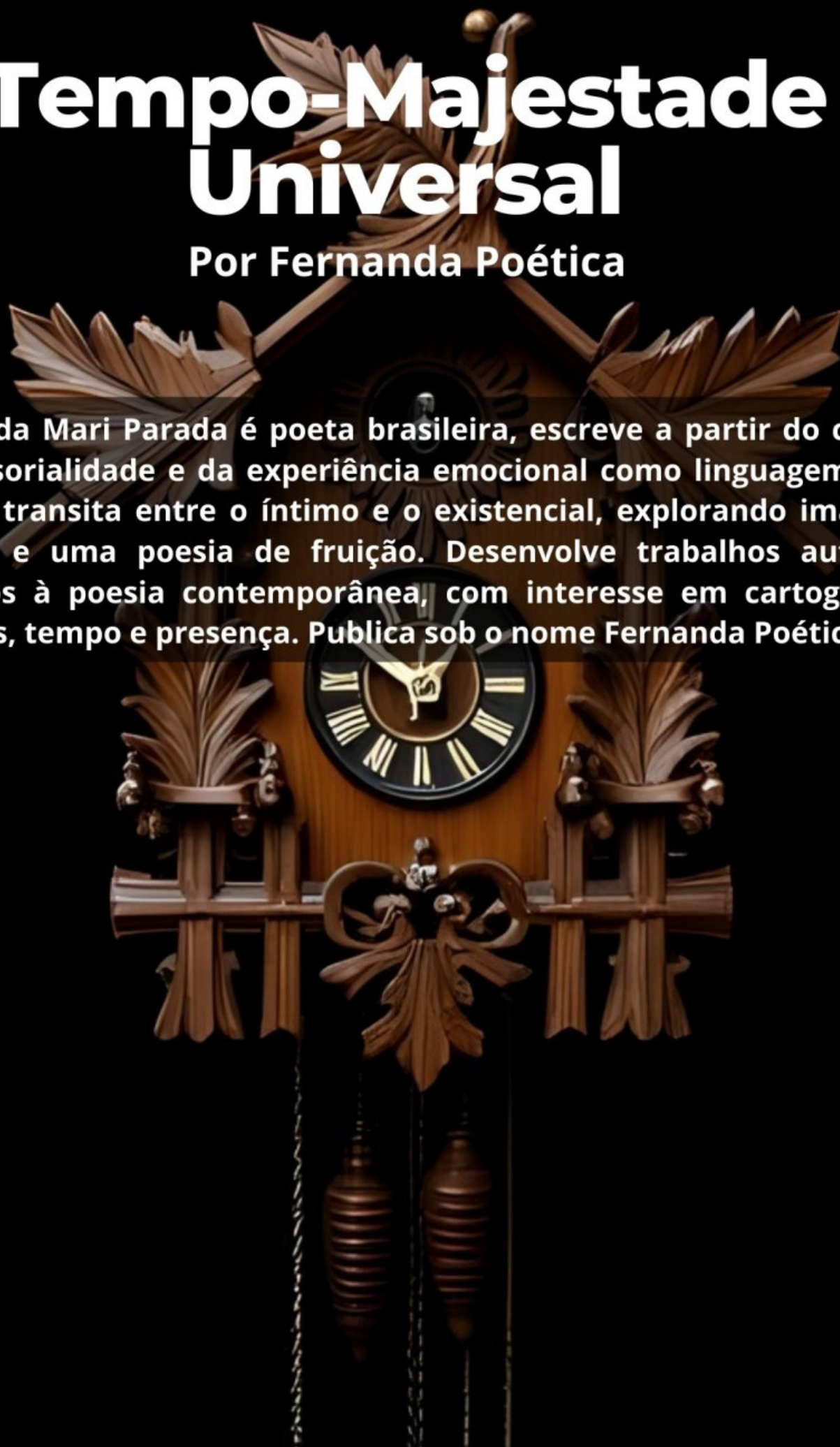


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tempo-Majestade Universal

Por Fernanda Poética

Fernanda Mari Parada é poeta brasileira, escreve a partir do corpo, da sensorialidade e da experiência emocional como linguagem. Sua escrita transita entre o íntimo e o existencial, explorando imagens densas e uma poesia de fruição. Desenvolve trabalhos autorais voltados à poesia contemporânea, com interesse em cartografias afetivas, tempo e presença. Publica sob o nome Fernanda Poética.



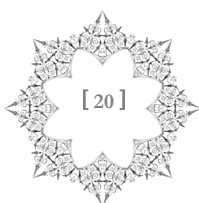
Se algum dia você topar
com o Tempo-Majestade Universal,
sentar-se-á numa pedra rochosa
sem ter que ter lei.

Ele lhe dará todo o ditado,
todo o seu ritmo,
todo o céu, toda a fé,
toda a resposta e razão.

Mas se por acaso você não o encontrar,
não o notar nem entender,
sua vida, numa loucura e euforia,
estiver por um triz —
meu amigo, do lado de cá,
sou insana atriz.

Sou mais forte que a minha base,
que eu mesma fiz.
Há de vir um dia
em que o universo será a meu favor,
e por favor não se sente e me diga
que tudo é a dor.

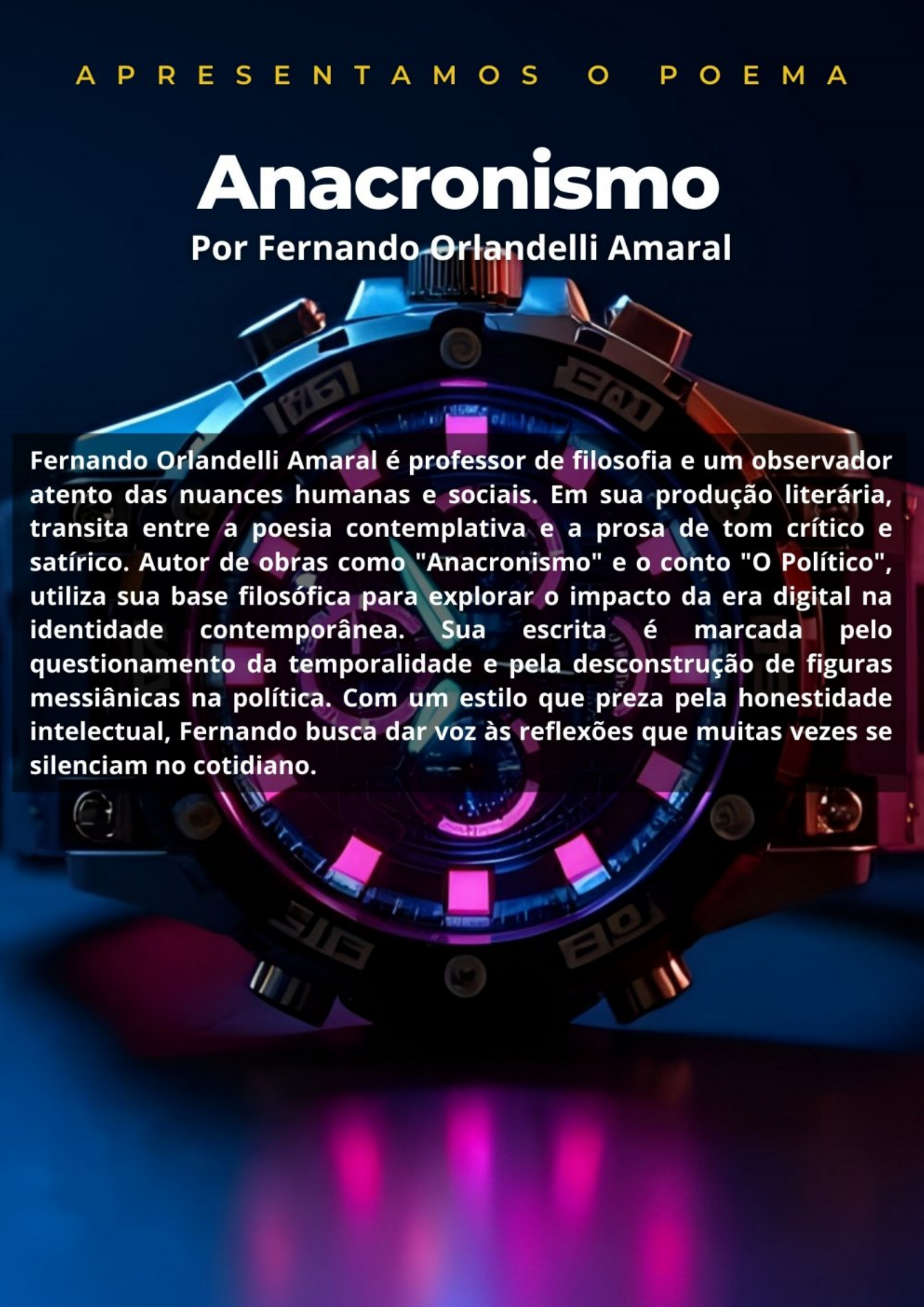
Abençoei toda mente equilíbrio
e toda mente sã,
porque na minha, estou no cansaço,
prefiro um divã.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Anacronismo

Por Fernando Orlandelli Amaral



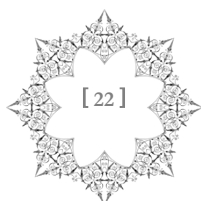
Fernando Orlandelli Amaral é professor de filosofia e um observador atento das nuances humanas e sociais. Em sua produção literária, transita entre a poesia contemplativa e a prosa de tom crítico e satírico. Autor de obras como "Anacronismo" e o conto "O Político", utiliza sua base filosófica para explorar o impacto da era digital na identidade contemporânea. Sua escrita é marcada pelo questionamento da temporalidade e pela desconstrução de figuras messiânicas na política. Com um estilo que preza pela honestidade intelectual, Fernando busca dar voz às reflexões que muitas vezes se silenciam no cotidiano.

Creio que não pertenço a esse tempo,
não pertenço...

Minhas ideias são retrógradadas,
meus ideais ultrapassados.

Mas o que é o tempo?

O tempo é o tic-tac do relógio;
é o dia a dia que se esvai
é o breve instante da vida.

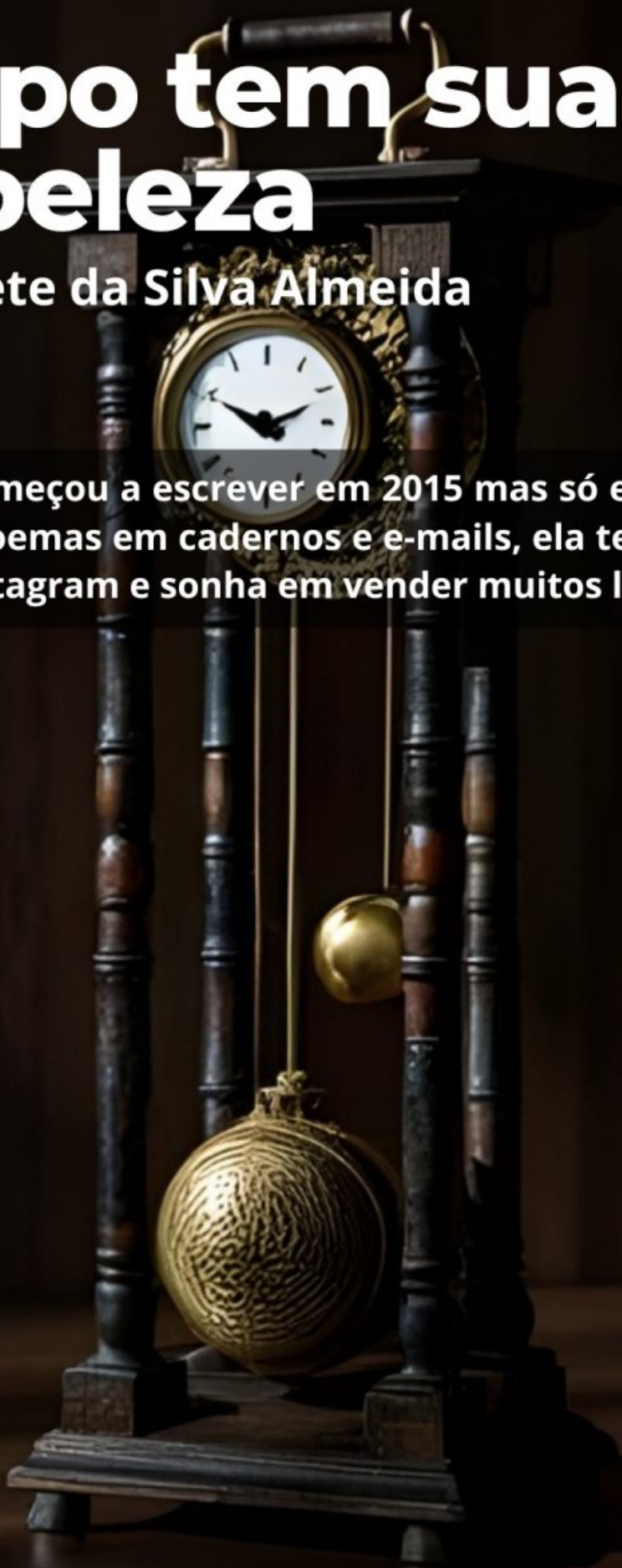


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo tem sua beleza

Por Janete da Silva Almeida

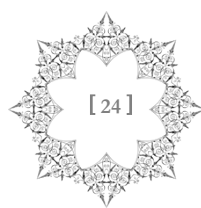
Janete da Silva Almeida começou a escrever em 2015 mas só em 2018 começou a guardar seus poemas em cadernos e e-mails, ela tem uma página sobre poesia no instagram e sonha em vender muitos livros.



O tempo tem a sua beleza
Para ser feliz a menina no seu tempo beija a rosa com delicadeza
Mas tempos ruins roubaram a sua pureza

A vida logo pegou o tempo e afastou os momentos de beleza
Lágrimas refletiram a sua tristeza
Os tempos nublados mudaram a vida de Estrela

Estrela via a vida de forma bela
Mas o tempo foi rude com ela
Feito o vento que apagou a vela
Ela chorava na sua janela
Seu tempo parecia novela



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Tempo e Suas Faces

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália.

Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

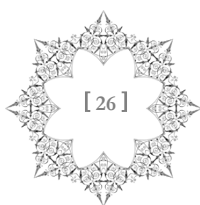
O tempo passa, e eu fico a pensar,
nas horas que correm sem parar.
Nas atividades que vão e vêm,
e no ontem que não volta também.

No meu modo de encarar o dia,
vejo o tempo como uma magia.
Um recurso para bem aproveitar,
ou um sopro que pode se esgotar.

O tempo gasto é como um tesouro,
vale mais do que a prata ou o ouro.
Cada segundo deve ter um sentido,
pois o passado não pode ser revivido.

O tempo, afinal, é um mistério,
um fluxo constante, um critério.
Para medir toda a vida em ação,
e dar um sentido ao coração.

Assim, reflito e busco entender,
o valor do tempo, sem esquecer,
que no presente devo me encontrar,
e cada momento, intensamente amar.



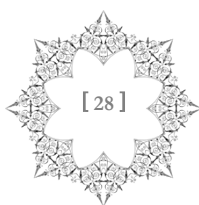
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lembranças

Por Neumar Silva

Neumar Silva é graduado em Economia pela PUC Goiás, é membro da Academia de Letras de Morrinhos/GO, cursou Escrita Criativa pela PUC/RS, é autor dos livros: A Incansável Luta Pela Vida, O Asilo, Os Contos que Conto e Entre Livros e Viagens. Em 2022, seu miniconto, Caos, foi selecionado e publicado na Revista The Bard Poesia, Arte & Música, como o melhor miniconto. Foi selecionado, em 2022, no gênero contos, pela Editora Selo Off Flip de Paraty/RJ para a antologia Nos Limites do Real: contos fantásticos e de ficção científica. Vive atualmente em Cascais, Portugal.

O tempo passa e se assoma no orbe do infinito;
Nossas vidas se esvaem da esfera do ninho terrestre;
A cada instante a viagem se encurta no regressivo calendário do tempo;
A premente necessidade de evolução nos convida ao adejo na plenitude de um céu azul....
No radar do tempo,
Meço a velocidade da vida
Parada numa melodiosa canção.
No repouso da alma, caem
Copiosas lágrimas de emoção
Ao lembrar de você
Que velozmente se foi
Rumo à outra dimensão.
Querido pai...



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Continuum Vitae

Por Nicholas Petrus Malferrari

Nicholas Petrus Malferrari, 1978.

Bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo.

Artista visual e escritor amador.

Como artista expôs suas obras no Chile, Argentina, Peru, Bolívia, Venezuela, Portugal, Alemanha, Polônia e Brasil.

Trabalhou como curador de exposições contemporâneas para a Fundação Memorial da América Latina (São Paulo-SP), Instituto Cervantes (São Paulo-SP) entre outros espaços culturais.

Vive e trabalha na cidade de São Paulo - Brasil.

Há temporal

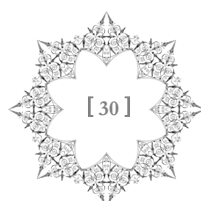
/

Com previsão do Tempo

Sempre visão do Tempo

\

Atemporal



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

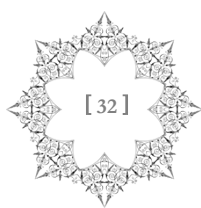
O agora

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Na lenta preguiçosa realidade
da hora o amarrar das extensões.
Momento a consumir-se presente.
Se insípido morno e até
desesperante, a conjuntura
toma o indivíduo que comprime.
No agora de todos a servilidade...
a contingência da matéria.
Na realidade sequencial
como numa bolha sem narrativas,
o senhor tempo... e a essa obscura
dimensão sem tamanho nem
perspectivas, tudo arrasta...
Vida há de adaptar-se.

Desobrigado do passar do tempo
átimo que impera em cada ato
a transformar o agora em espera...
Espera e desejo... e anseio.
Placidez ou rompante... uns
aceleram... outros desaceleram.
Na esperança ou aceitação
vive-se e move-se.
Pretérito... é passado.
O futuro... mistério.
No caminhar a continuidade.

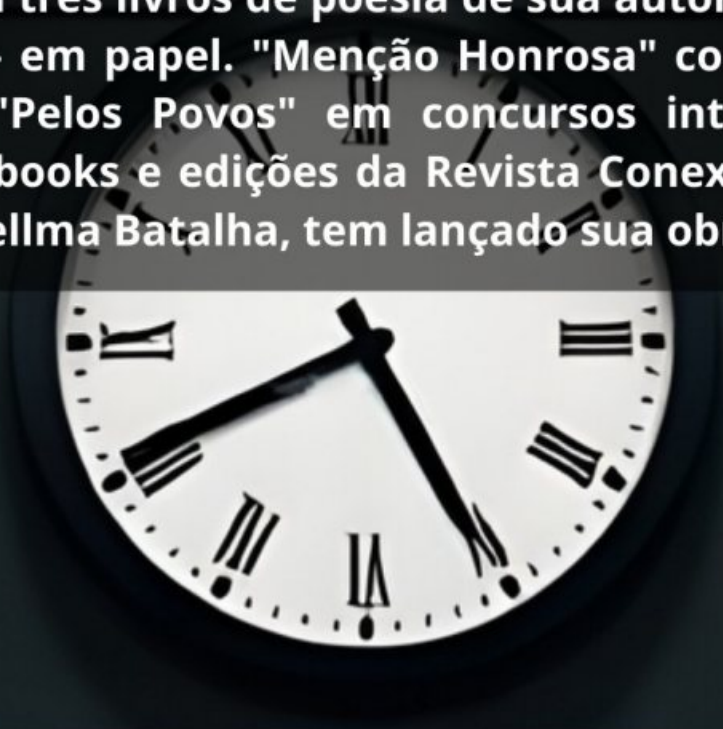


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Repetição e continuidade

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



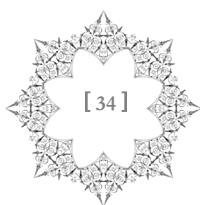
Obscurece a regularidade dos ciclos
a aparente linearidade da vida.
Sinto um pouco de graça
e a mim mesma, digo: engraçado!...
Contraste e quase antagonismo.

A vida não para, não retrocede...
O repetir dos ciclos a brincar com o tempo.
A mesclarem... a se enovelarem...
o cíclico e o contínuo...
a parte e o todo.

E no meio de um "pular cordas", nós.
Somos levados... e o corpo segue...
sem própria autonomia.
Mas a mente "pensa"...
e questiona.

A mente sonha e o coração acelera.
A mente medita e o coração acalma.
E os ciclos se repetem...
e parecem iguais...
Só uma ilusão!

E o todo e a continuidade não se
comprometem... não se assumem.
Sendo só parte e alguém do todo...
nós...
e os nossos devaneios.

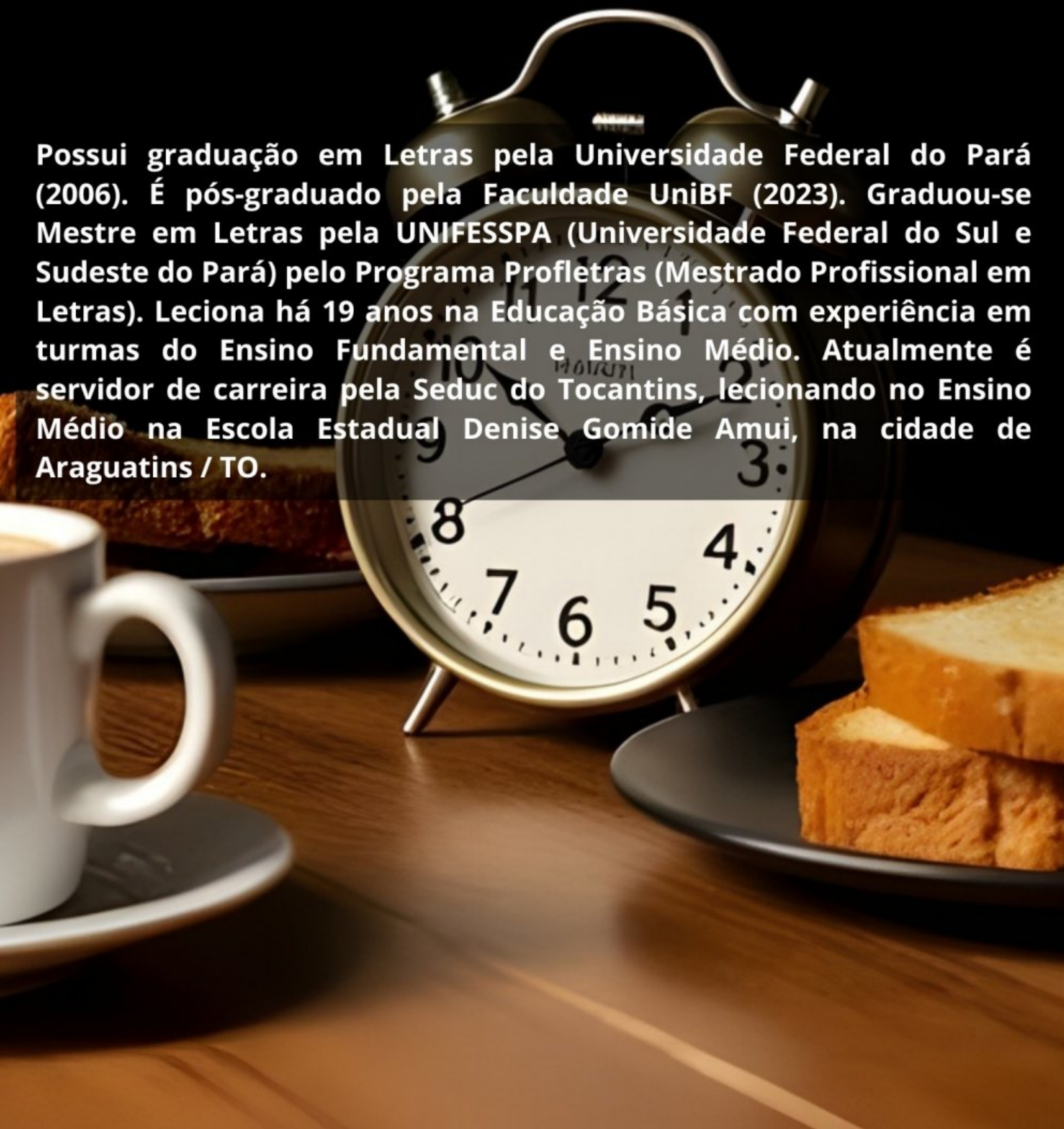


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

É tempo de paz...!!!

Por Maurício da Serra

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2006). É pós-graduado pela Faculdade UniBF (2023). Graduou-se Mestre em Letras pela UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) pelo Programa Profletras (Mestrado Profissional em Letras). Leciona há 19 anos na Educação Básica com experiência em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente é servidor de carreira pela Seduc do Tocantins, lecionando no Ensino Médio na Escola Estadual Denise Gomide Amui, na cidade de Araguatins / TO.

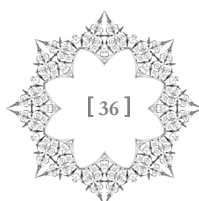


É tempo de lutar pela paz,
o ser humano já não aguenta mais
tanta guerra por poder e territórios,
deixando pessoas sem famílias...
e encontrando caminhos contraditórios!
É tempo de paz...
de curar o luto de pessoas civis
que só buscam o direito à vida que lhe apraz!
É tempo de romper com todo e qualquer preconceito,
e reflorescer na humanidade mais dignidade, tolerância e respeito!

É tempo de entender que a revolução tecnológica nos impulsiona,
mas é a mente humana que provoca a verdadeira evolução,
e com muito conhecimento, por um mundo melhor questiona!
É tempo de acabar com todo tipo de ódio, racismo e discriminação
e suscitar nas pessoas a verdadeira Revolução...

A Revolução que transforma a Vida,
transgredindo utopias e tornando realidade
o que era apenas um Sonho:
uma sociedade em que a violência perdeu totalmente a aquiescência!
Uma Humanidade em que a ganância perdeu total espaço para a tolerância!

É tempo de chorar de felicidade
a lágrima mais cristalina da compaixão:
que Almas Humanas encontrem sua Redenção!
E todas as pessoas já não mais briguem
por raça, sexo ou religião!
É tempo de evoluir, transgredir o inalcançável
e acreditar, enfim, que a Vida é
uma preciosidade Divina, tudo passa:
guerras, desastres naturais...
mas a Humanidade fica e prevalece a Paz!!!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

(Des) encontros...

Por Maurício da Serra

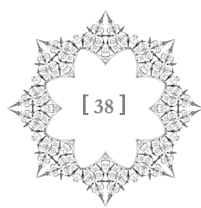
Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2006). É pós-graduado pela Faculdade UniBF (2023). Graduou-se Mestre em Letras pela UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) pelo Programa Profletras (Mestrado Profissional em Letras). Leciona há 19 anos na Educação Básica com experiência em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente é servidor de carreira pela Seduc do Tocantins, lecionando no Ensino Médio na Escola Estadual Denise Gomide Amui, na cidade de Araguatins / TO.

Duas pessoas de ideais iguais
Procurando encontrar
Compartilhar uma união
Inesperada e desejada

Interrompida pelo destino
da vida conturbada e desajustada
Desencontros de sentimentos
provocando descontentamentos!

Destino temido despertando
um desatino de querer
encontrar a outra parte
que sempre fica pela metade...

Sempre um novo desencontro
diante do confronto: estar perto e longe
De um encontro concreto
Sempre traídos pelo destino
incerto e mais uma vez separados...!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Reencontros!!!

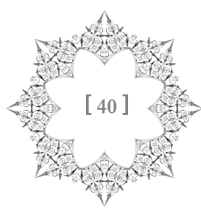
Por Maurício da Serra



Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2006). É pós-graduado pela Faculdade UniBF (2023). Graduou-se Mestre em Letras pela UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) pelo Programa Profletras (Mestrado Profissional em Letras). Leciona há 19 anos na Educação Básica com experiência em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente é servidor de carreira pela Seduc do Tocantins, lecionando no Ensino Médio na Escola Estadual Denise Gomide Amui, na cidade de Araguatins / TO.

Dois corações separados pelo destino inesperado
Uma vontade imensa de expressar
sentimentos contidos de um coração ferido.
A saudade invadindo o ego de duas almas
distanciadas por trilhas indesejadas!

Dois corpos, duas mentes, duas vidas:
um coração encontrando sua outra metade.
Duas pessoas se reencontram e se completam!
A vida agora faz sentido, e os dois podem viver
Todo o Amor que estava reprimido!!!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo não anda sozinho

Por Tati Riceli

Tati Riceli é escritora e autora do livro Quando o Processo Me Pegou Pelo Braço. Escreve sobre tempo, corpo, silêncio e transformação, explorando os atravessamentos da vida cotidiana com sensibilidade e honestidade. Participa de antologias literárias e projetos autorais que dialogam com o processo de viver. Acredita na escrita como espaço de escuta, presença e reconexão.



O tempo não passa.
Ele se deposita.

Fica nas dobras do que não foi dito,
no atraso que a gente chamou de prudência,
no dia em que o corpo pediu pausa
e a cabeça respondeu produtividade.

O tempo não corre.
Ele observa.

Aprende nossos truques:
a pressa disfarçada de ambição,
o “depois eu vejo” que vira década,
o afeto adiado em nome do urgente.

Há um tempo que pesa.
Não pelo volume,
mas pela ausência de respiro.

É o tempo gasto tentando caber,
explicando demais,
aguentando calado,
engolindo vontades como quem acredita
que tudo se resolve com maturidade.

Mas existe outro tempo.
Mais raro.
Mais honesto.

O tempo que não empurra,
não cobra,
não exige performance.

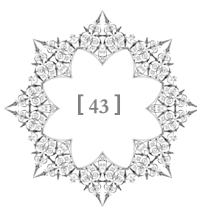
O tempo que chega quando a gente para
e percebe que viver
não era cumprir etapas,
mas sustentar presença.

O tempo não cura tudo.
Ele revela.

Mostra o que ficou torto por insistência,
o que endureceu por medo,
o que poderia ter sido leve
se tivesse sido vivido antes.

No fim,
o tempo não nos atravessa.

Somos nós
que escolhemos, todos os dias,
se caminhamos com ele
ou se apenas deixamos que ele passe
por cima.

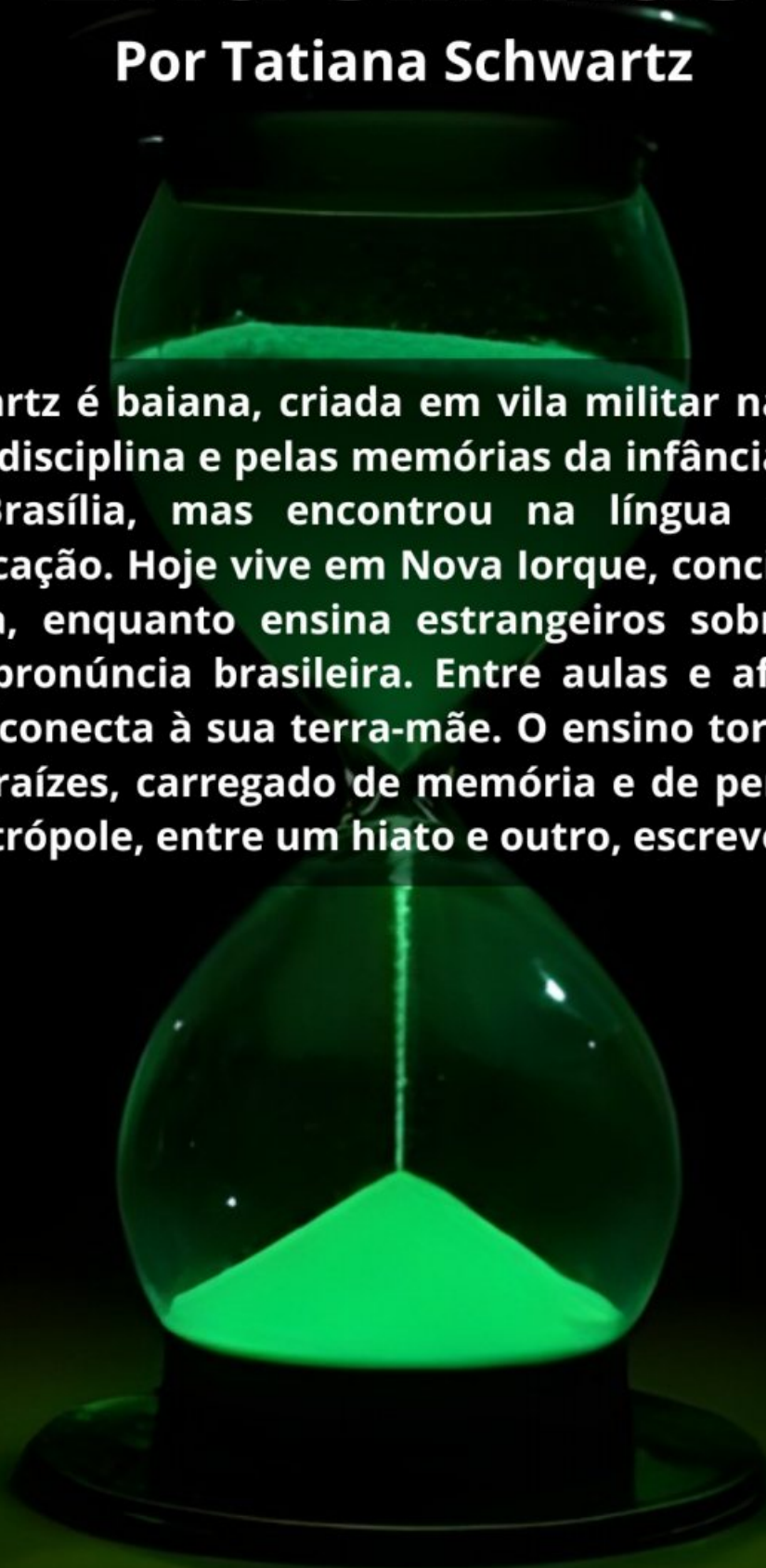


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Entrelinhas

Por Tatiana Schwartz

Tatiana Schwartz é baiana, criada em vila militar nas Minas Gerais, marcada pela disciplina e pelas memórias da infância. Formou-se em Direito em Brasília, mas encontrou na língua portuguesa sua verdadeira vocação. Hoje vive em Nova Iorque, conciliando a vida de mãe e esposa, enquanto ensina estrangeiros sobre a riqueza da cultura e da pronúncia brasileira. Entre aulas e afazeres, constrói pontes e se reconecta à sua terra-mãe. O ensino tornou-se refúgio e elo com suas raízes, carregado de memória e de pertencimento. Na solidão da metrópole, entre um hiato e outro, escreve.



Sou feita das dobras de ontem e do agora,
e da espera da tangente que tanto demora.
Carrego décadas de fotografias soltas,
jamais esquecidas, apenas envoltas.

Planto futuro em calendários vazios,
rego o que ainda não tem nome,
com fome, em dias sombrios.

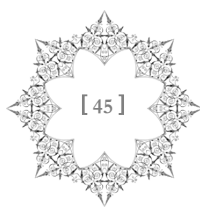
Troco de pele enquanto os anos se passam,
na queda das folhas de cada estação,
com datas que marcam
o que não pede letra nem canção.

Lanço sementes no sopro da Terra.
E ela, em seu giro gentil,
faz do vazio um campo
e, do inverno, um abril.

Então floresço em relógios quebrados,
nos mesmos lugares,
nos mesmos perfumes, nos ares,
nas mesmas músicas que sabem voltar
ao que fui, ao que sou, ao que hei de ficar.

Entre curvas e bordas,
a tangente revela
que todo fim
é apenas luz em espera.

Tudo o que amei me retorna, enfim:
o ontem encontra o agora;
o que será,
nas entrelinhas de mim.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

No mundo de amanhã

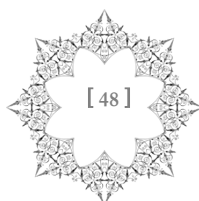
Por Vinicius Borin

Vinicius tem 24 anos, 8760 dias, 210.240 horas, 12.614.400 minutos 756.864.000 segundos, cada um deles passados na espera de quando aqueles que o ouvirem colocarão a mão no queixo e ele saberá que nasceu pra isso.



Enquanto eu olho as estrelas no dia 02 de Março de 2024,
em algum lugar do Mundo de Hoje,
com certeza há alguém limpando uma faca,
arma do crime, vítima: uma mulher decapitada.
Talvez ela tivesse um marido, talvez um filho, talvez não.
Talvez seu marido aguardará sua chegada - como sempre - esperançoso,
desejando seu abraço no Mundo de Hoje.
Talvez seu filho aguardará sua chegada - como sempre - esfomeado,
desejando sua comida no Mundo de Hoje.
Em outro lugar do Mundo de Hoje,
talvez no Japão,
alguém salvou uma menina das ruas.
Levou-a para casa e lhe deu um banho,
vestiu nela roupas novas,
levou-a na sua primeira escola
e lhe deu de presente um novo Mundo de Hoje.
Talvez tal menina viverá no Mundo de Hoje e deixará sua marca no Mundo de Amanhã.
Talvez dará à luz muitas outras mulheres,
talvez essas mulheres darão à luz outros filhos.
Talvez alguns deles governarão o mundo
enquanto outros, talvez, o destruirão.
Talvez alguns deles cuidarão uns dos outros,
enquanto outros, talvez, se violentarão.
No Mundo de Hoje, tudo acontece ao mesmo tempo,
o Mundo de Hoje é um paradoxo coerente,
no Mundo de Hoje, tem gente nascendo e gente morrendo.
No Mundo de Ontem, houve uma guerra,
no Mundo de Ontem, houve a destruição de cidades,
no Mundo de Ontem, houve esperança,
no Mundo de Ontem, houve o restaurar de cidades em ruínas,
no Mundo de Ontem, houve violência e infelicidade entre Reis e Rainhas
e por isso no Mundo de Hoje há fidelidade entre famílias.

O Mundo de Hoje, no seu paradoxo coerente, é como um rio
esse rio se assemelha à uma serpente
que troca de pele quando ouve o grito
que após trocar de pele deságua no Mundo de Amanhã
para o Mundo de Amanhã trocar sua pele após o grito
e desaguar no Mundo de Hoje.
Esse é o fluir do Mundo, um eterno deságue,
que talvez acabe
quando o Mundo de Amanhã se tornar, para sempre, o Mundo de Hoje.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI